

Introdução

Nesta comunicação falamos sobre a obra do escritor mineiro-cearense-carioca Pedro Nava (1903 – 1984) e sua relação com a memória familiar. Mais especificamente, nos detemos sobre os procedimentos autobiográficos e literários de construção da memória, destacando, em seguida, o seu avesso: a descostura de uma outra memória – a daqueles subordinados à família de Pedro Nava. Para isso, consideramos a obra de Nava a partir de dois referências: o primeiro, a tradição do memorialismo brasileiro, que inclui a obra de autores como Joaquim Nabuco (1849 – 1910) e Gilberto Freyre (1900 – 1987); o nosso segundo referencial é a fenomenologia da memória de Paul Ricouer (1913 – 2005). O primeiro nos permite considerar a obra de Nava dentro de um contexto de produção memorialística mais amplo, destacando ao mesmo tempo a sua singularidade; o segundo referencial possibilita o tratamento da memória em diferentes níveis: um propriamente fenomenológico, ou seja, a descrição dos procedimentos de construção e descostura da memória; em um segundo nível, Ricouer nos possibilita pensar a relação entre memória individual e coletiva, e por fim, explorar a dimensão ética da memória e do esquecimento.

Considerações metodológicas

Há, como veremos, uma particularidade nos escritos de Nava que nos coloca um desafio metodológico. Em o *Baú de Ossos*, primeiro volume das memórias de Pedro Nava não estamos lidando propriamente apenas com as lembranças vivenciadas pelo autor. Os fatos narrados remetem-se a acontecimentos datados séculos antes do nascimento de Pedro Nava. Como realizar, pois, uma fenomenologia da memória? Esta não implicaria, em última instância, a presença de um sujeito da memória – um testemunho?

Memória: seus sujeitos e sua ética

¹ Mestrando no programa de Pós-Graduação em Psicologia da FFCLRP-USP.

Em *A Memória, a história, o esquecimento*, Paul Ricouer (2020) propõe o estudo da memória tendo como ponto de partida as seguintes perguntas: *de que há lembrança? De quem é a memória?* (Ricouer, 2020, p. 23, grifo do autor). Ou seja, Ricouer considera, inicialmente, a memória como fenômeno *para* alguém, que pode ser entendida desde suas primeiras conceitualizações na filosofia antiga, com Platão e Aristóteles, passando pela tradição do olhar interior, que tem em Husserl e Santo Agostinho seus principais contribuidores, até os avanços das ciências cognitivas, que, ao seccionar a memória em sistemas, retraçam a sua constituição com precisão e rigor laboratorial.

Mas para além do sujeito/consciência, há, para Ricouer, outros dois sujeitos da memória. Além do *sujeito eu*, há os *sujeitos coletivos e próximos* da memória. Essa tríplice determinação subjetiva da memória comporta, portanto, uma estreita relação com a linguagem. Escreve Ricouer:

Em sua fase declarativa, a memória entra na região da linguagem: a lembrança dita, pronunciada já é uma espécie de discurso que o sujeito trava consigo mesmo. Ora, o pronunciado desse discurso costuma ocorrer na língua comum, a língua materna, da qual é preciso dizer que é a língua dos outros (Ricouer, 2020, p. 138).

Será a partir da intersecção entre estes três sujeitos da memória que leremos a obra de Pedro Nava. Do encontro destes três sujeitos, veremos emergir, do *Baú de Ossos*, a dimensão ética da memória e de seu outro lado – o esquecimento.

Aos *sujeitos próximos*, de que fala Ricouer, podemos identificar a tendência familista da obra de Pedro Nava. Este *nós*, tão caros à tradição do familismo brasileiro, certamente está presente no *Baú de Ossos*. Afinal, Nava narra as histórias dos seus, frequentemente enumerados nos encadeamentos de nomes, sobrenomes e pronomes, como na passagem:

Esses olhos – de antropológica qualidade céltica, ibérica e lusíada, vieram da península com certo Hipólito Cassiano Pamplona. De geração em geração chegaram a seus bisnetos – minha avó e seus irmãos – e são os memos dos retratos dos primos de meu Pai: o belo Licurgo, a Zélia Formosa, A Zaira altiva, a malfadada Zuleica e a tresloucada Zebina (Nava, 2012, p. 54).

Ou ainda:

Meu, teu, seu, nosso, vosso, deles, delas. Eu, tu, ele, nós, vós, eles. Entre dois nada, os pronomes dançam. Ah! Dançam em vão... Assim como é, racialmente, minha gente é o retrato da formação dos outros grupos

familiares do país [...] Nela tem sertanista preador e índio preado, negreiro e quem sabe? Negro também [...] (Nava, 2012, p. 217).

Como vemos, no memorialismo familiar de Nava, estes *próximos* muitas vezes dão lugar a *sujeitos coletivos* mais difusos, que resistem ao enquadramento no binômio *nós/outros*. Nesse ponto, que seguimos Cançado (2003), que caracteriza as memórias de Pedro Nava como um “familiarismo às avessas” (Cançado, 2003, p. 43). Estilística e geracionalmente, Arrigucci Jr. (1987) considera a obra de Nava como “fruto tardio do modernismo mineiro” (Arrigucci Jr., 1987, p. 109). Nas passagens destacadas podemos ver, portanto, um dos modos pelos quais Nava opera a inversão do familiarismo. É o que Antônio Candido identificou nas memórias de Nava, em *Poesia e Ficção na Autobiografia*, como “enumeração dirigida e concatenada” (Candido, 2017, p. 76).

Leituras de Nava

André Botelho (2012) destaca dois aspectos da obra de Pedro Nava: a ironia, capaz de “desestabilizar o padrão do memorialismo de tipo familiar” (Botelho, 2012, p. 9), tão presente na literatura brasileira, onde o passado seria uma “espécie de patrimônio pessoal de toda uma classe” (Botelho, 2012, p. 9). O segundo aspecto é a presença de uma “imaginação brasileira” nas memórias de Nava. Aqui, o contraste é feito com outro memorialista brasileiro, Joaquim Nabuco, que em suas memórias, *Minha formação*, afirma não haver propriamente uma “inteligência brasileira”, apenas um “sentimento brasileiro”. Botelho chama essa disposição de “descolonização da matéria histórica” (Botelho, 2012, p. 9).

Carlos Drummond de Andrade, amigo e confidente de Nava, em seu prefácio à primeira edição do *Baú de Ossos* nota que, apesar do nome, a obra de Nava “não tem nada de fúnebre”; pelo contrário - “do baú salta uma multidão antiga de vivos”, pois o autor-médico, seria capaz de “pela escrita, ressuscitar os mortos” (Drummond de Andrade, 2012, p. 21). O poeta mineiro também define Pedro Nava como sendo “um ser profundamente integrado no complexo familiar” (Drummond de Andrade, 2012, p. 21).

Os primeiros capítulos de *Baú de Ossos*, são marcados pela enumeração e multiplicação vertiginosa de relações de parentesco do autor, que ultrapassam os limites da consanguinidade, da habitação comum e, em alguma medida de classe. A família paterna, por exemplo, não era composta apenas dos parentes “de sangue”; Nava observa

que as reuniões familiares, ou os *serões*, aconteciam em locais diversos: "Os serões eram passados na casa da mãe viúva [...] de um ou outro dos irmãos, na dos tios dos dois lados, na dos primos, dos cognados, dos agnados, dos afins, dos compadres, dos afilhados" (Nava, 2012, p. 63). E através de sua narrativa, Nava é capaz de enredar – ou até mesmo desenredar as memórias e recordações de seu passado familiar: "Mas desfilar tão somente para explicar, porque era impossível separar os fios da trama doméstica dessa gente mais unida que unha e carne" (Nava, 2012, p. 63).

A reconstrução da memória familiar

Um dos aspectos mais importantes da obra de Pedro Nava é o da reconstrução da memória familiar. As memórias de Nava são ricas na descrição de pessoas, situações, e até nas impressões sensoriais, como os sons e os cheiros dos hábitos cotidianos de seus antepassados; porém, os fatos descritos e narrados ocorreram décadas, quando não séculos, antes do nascimento do autor - o que o impediria, evidentemente, de ser testemunha e de escrevê-los a partir de suas próprias impressões, vividas em primeira pessoa. Como se dá, então, este processo? Quais procedimentos de rememoração, sejam eles historiográficos, afetivos ou literários, Pedro Nava usa para contar a sua história?

O fragmento

O ponto de partida é o reconhecimento do caráter fragmentário da transmissão da memória. Conhece-se o passado tão somente através de fragmentos, que podem ser materiais, como cartas ou retratos; fisionômicos, como o rosto de uma prima que faz reaparecer um antepassado distante; ou ainda da ordem do gesto, como um riso ou uma entonação de voz herdada dos avós. As seguintes passagens são particularmente ilustrativas:

"Os mortos... Suas casas mortas... Parece impossível sua evocação completa porque de coisas e pessoas só ficam lembranças fragmentárias. Entretanto, pode-se tentar a recomposição de um grupo familiar desaparecido usando como material esse riso de filha que repete o riso materno: essa entonação de voz que a neta recebeu da avó, a tradição que prolonga no tempo a conversa de bocas há muito abafadas por um punhado de terra" (Nava, 2012, p. 63).

Ou ainda: "esse jeito de ser hereditário que vemos nos vivos repetindo o retrato meio apagado dos parentes defuntos; o fascinante jogo da adivinhação dos traços destes pela manobra da exclusão" (Nava, 2012, p. 63).

Pedro Nava compara este processo de recomposição do quadro familiar a três imagens: a primeira, que ressalta o caráter fragmentário inerente às memórias familiares, é a de um quebra-cabeças incompleto, descrito como

o puzzle de uma paisagem que é impossível de completar porque as peças que faltam deixam buracos nos céus, hiatos nas águas, rombos nos sorrisos, furos nas silhuetas interrompidas e nos peitos que se abrem no vácuo (Nava, 2012, p. 64)

A segunda comparação é com Georges Cuvier, pai da paleontologia, que, através de uma elaborada e atenta trama de observações e inferências, tornou capaz o reconhecimento de uma estrutura anatômica, ou mesmo de toda uma espécie, somente a partir de um fragmento mínimo de seu corpo. Nava considera que o trabalho do recriação da memória familiar seria como o de Cuvier, "partindo de um dente para construir a mandíbula inevitável, o crânio obrigatório, a coluna vertebral decorrente, e osso por osso o esqueleto da besta" (Nava, 2012, p. 64); a terceira imagem, semelhante à anterior, é a do arqueólogo frente ao fragmento de um jarro, capaz de reconstruir da fração, o todo. A reconstituição do resto familiar em toda da memória seria, portanto, "a mesma do arqueólogo que da curva de um pedaço de jarro conclui que de sua forma restante, de sua altura, de suas asas, que ele vai reconstruir em gesso para nele encastrar o pedaço de louça que o completa e nele se completa" (Nava, 2012, p. 64). É, por fim, através destes 3 procedimentos que "um fato deixa entrever uma vida" (Nava, 2012, p. 64).

A descostura da memória

Se, por um lado, temos um vasto e diverso acervo de objetos, histórias, cartas, retratos e registros que permitem a Nava preservar, e em alguma medida – recriar a história de seus antepassados; de outro, temos a negação do direito à memória, ao sobrenome, à família. Essa violência contra a recordação é explícita nos atos da mãe e avó de Nava: "os livrinhos dos jenipapos foram depois destruídos pela minha mãe" (Nava, 2012, p. 286); "minha avó, que era contra gente de cor" (Nava, 2012, p. 286). A referência à destruição dos "livrinhos dos jenipapos" é comparada por Nava ao ato de

Ruy Barbosa, que em 1890, quando então ministro da Fazenda, ordenou a queima dos arquivos e documentos relativos à escravidão.

As memórias de Nava, sobretudo quando revisita os porões e meandros escravagistas da família materna, esbarra em instrumentos de tortura e de destruição:

Era uma longa caixa de madeira, triste como um esquife e triste como seu conteúdo heteróclito de utilidades mortas e esperando a ressurreição de nova serventia. Martelos sem cabo, limas, grosas, alicates e torqueses, parafusos, molhos de velhas chaves, serrotes, pregos e um instrumento de ferro que muito mais tarde vim a saber o que era, vendo seus símiles em coleções de antiguidades. Era um tronco com as pegadas para tornozelos e pulsos. Tudo restolho da Fazenda Velha e do Halfeld sempre presente (Nava, 2012, p. 285).

Sobre os objetos encontrados na casa da avó Inhá Luísa, que vivia “como se não tivesse havido princesa Isabel nem Treze de Maio” (p. 289), Nava observa: “curioso é que era na despensa que Inhá Luísa guardava sua palmatória de cabiúna e lá é que ele passava as rodadas de bolo nas crias da casa” (p. 289). E não eram apenas objetos inertes de um passado distante que maculavam as memórias familiares. Sobre a permanência das violências da escravidão, mesmo após a abolição, Nava descreve a assimilação bárbara e incompleta das crianças negras à periferia familiar:

Abolida esta [a escravidão] e não se podendo mais comprar o negro, as senhoras de Minas tomavam para criar negrinhas e mulatinhas sem pai e sem mãe ou dadas pelos pais e pelas mães. Começava para as desgraçadas o dormir vestidas em esteiras postas em qualquer canto da casa, as noites de frio, a roupa velha, o nenhum direito, o pixaim rapado, o pé descalço, o tapa na boca, o bolo, a férula, o correão, a vara, a solidão (Nava, 2012, p. 292).

Além da solidão, as meninas negras também eram “integradas em cheio nos complexos sexuais dos meninos da família” (p. 293). Há ainda, nas atitudes da avó materna, uma violência capaz de destruir o vínculo genealógico por gerações e gerações: a negação do sobrenome:

Para o arbítrio de Inhá Luísa, nem o batismo tinha barreiras. Ela revogava o sacramento quando a graça das negrinhas parecia de moça branca. O quê? Evangelina Berta? Absolutamente. Fica sendo Catila, que isto é que é nome de negro (Nava, 2012, p. 292).

“Isto é que é nome de negro”. O *Baú de Ossos* dos Nava, Pamplona e Coelho da Cunha comporta também um cavername – a negação das memórias de um esqueleto chamado *escravidão*.

É o próprio autor, agora na condição de testemunho, que nos fala. A visão dos instrumentos de tortura funciona como uma espécie de *madeleine* funesta: se o narrador da *Recherche*, a partir do bolinho embebido em tília, recupera o seu “edifício imenso da lembrança” (Proust, 2022, p. 73), onde habitam não apenas o seu autor, mas também a memória alheia vivida projetivamente, como a história de Swann e Odette; Nava reconstrói, na recapitulação da avó materna, a cena da *memória impedida*, da qual nos fala Ricouer.

Conclusão

O sociólogo Pierre Bordieu (1996), no texto *O espírito da família*, define a preservação da instituição familiar como uma das principais condições de acumulação e de transmissão de privilégios econômicos, culturais e simbólicos. Podemos enxergar no *Baú de Ossos* de Pedro Nava um movimento análogo – uma vez que as memórias de sua família se confundem com as memórias da própria instituição familiar brasileira. Porém, a costura deste enredamento familiar implica, no caso de Pedro Nava, a descostura de uma outra trama, a dos escravizados subordinados à ordem familiar alheia – na qual não apenas sofrem toda sorte de violência e violação, mas onde também lhes é subtraído o direito ao sobrenome, à memória.

REFERÊNCIAS

ARRIGUCCI JR., Davi. Móbile da memória. *Em: Enigma e comentário*. 1ª edição ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

BOTELHO, André. As memórias de Pedro Nava: autorretrato e interpretação do Brasil. *Em: NAVA, Pedro (ed.). Baú de ossos*. 1ª edição ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

BOURDIEU, Pierre. O espírito da família. *Em: Razões práticas: Sobre a teoria da ação*. 22/09/2020–9a. reimpressão edição ed. Campinas, SP: Papyrus Editora, 1996. p. 124–135.

CANÇADO, José Maria. *Memórias Videntes do Brasil: a Obra de Pedro Nava*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

CANDIDO, Antônio. Poesia e ficção na autobiografia. *Em: A Educação Pela Noite: Ouro Sobre Azul*, 2017.

DRUMMOND DE ANDRADE, Carlos. Baú de Surpresas. *Em*: NAVA, Pedro (ed.).

Baú de ossos. 1ª edição ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

NAVA, Pedro. **Baú de ossos.** 1ª edição ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

PROUST, Marcel. **Para o lado de Swann: À procura do tempo perdido, vol. 1.** 1ª

edição ed. [s.l.] : Companhia das Letras, 2022.

RICŒUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento.** 1ª edição ed. Campinas, SP:

Editora da Unicamp, 2020.